

24. ABR 1988

Um dia para Sarney

O Presidente da República tem direito, hoje, a uma trégua para passar seu aniversário com a família, no sítio do Pericumã, e mais tarde missa no Palácio da Alvorada. Afinal, o aniversário de 85 ele o passou a bordo do avião presidencial que levou o corpo de Tancredo Neves para São João Del Rey, após ser velado em Brasília e Belo Horizonte. A partir de hoje, o Sr. José Sarney terá mais motivos para pretender um final de governo em que possa reencontrar-se com as motivações que o levaram a enfrentar crises, agravos pessoais, injustiças, traições, mas afinal mantendo o compromisso de não bater na mesa.

A chave da compreensão o Presidente a forneceu a alguns poucos e sinceros amigos, notadamente aqueles que com sua família passaram junto o Natal. Sarney reconheceu, na sua última fala ao Pé do Rádio, que na verdade é apenas um vice-presidente da República em busca de levar o Governo a um final estável. Foi um reconhecimento humilde e que não repercute a arrogância de chefetes que, saindo das segundas posições para o proscênio, pela mão do acaso, se investem todavia do manto do autoritarismo. Para conhecer melhor um homem, basta dar-lhe o poder. Se por esse for julgado o Sr. José Sarney, teremos um produto acabado da tolerância.

Alguns de seus amigos confundem essa postura como teimosia — de não tomar posições duras — e falta de visão histórica. Outros o tinham como provinciano. Para outros tantos é um sequioso de poder, por

estar buscando os seis anos, quando teria cinco, e ocorre a ameaça dos quatro. Mas nada disso é verdade absoluta: o Presidente da República é a imagem final de um País descompensado e de elite esgotada. A via política empobreceu como instrumento de geração dos ajustamentos exigidos pela modernidade. As cisões transcendentais do mundo passam ao largo de uma concepção pauperizada pelo desatino das trocas políticas, a transição virou transição em sentido menor, e estrito.

O Presidente não é melhor nem pior que nenhum outro político de sua geração. É o primeiro que chega ao poder, depois de João Goulart, abaixo dos 55 anos. É o primeiro vice que governa mais de três anos. É o primeiro maranhense. É o primeiro a começar sua gestão com um ataúde na porta, uma cadeira vazia que imprimia reverência, uma aliança partida, e um tutor na soleira. Vencidas quase todas essas vicissitudes — menos a do tutor presuntivo — o Presidente da República sente-se agora mais livre para governar. Já nesta semana vai adotar novas medidas de profundidade na área econômica. Com elas, desmentirá, mesmo aos que o consideram teimoso, que não sabe cuidar do fundo, mas apenas da forma. Mais velho, mas sem todavia ter ainda atingido a idade canônica, poderá começar a sentir o peso do verso de Elliot, citado por Marcos Vilaça em seu discurso de posse no TCU: "Onde está a vida perdida no viver...?"